

PROMAR

Produtora de Mármore

Av. do Trabalho 1999 - Maputo
Tel. 731047 * Fax 401168*mediaFAX*

Maputo * segunda-feira 06.07.92 * N° 31/92

PROLECPrograma
de
Electrificação Urbana
Telf./ Fax 410245
Maputo

De segunda a sexta, um diário no seu fax * Propriedade: mediacoop - jornalistas associados, srl

Editor: Carlos Cardoso * Redacção: Av. Mártires da Muchava, n° 1002

C.P. 73 * Tls 49 09 06, 74 39 52 * Faxes 49 00 63 / 49 09 06 * Tlx 6 - 233 * Maputo * Moçambique

Assinaturas mensais -- ordinária: 50.000,00 MT * institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD * de apoio: 350.000,00 MT ou 100 USD

O "SIM" de Dhlakama

1-31/92 (Maputo) - A promessa de Dhlakama assinar um acordo geral com o governo desde que este dê garantias de que os seus homens e simpatizantes não sejam perseguidos ou detidos pelo governo parece não ter ainda causado nenhum resultado unívoco em Roma.

Segundo Tomás Vieira Mário, o enviado da AIM à capital italiana, o que mais se comenta em Roma não é o "sim" de Dhlakama, mas o facto de ele ter sido dado em Gaborone, capital do Botswana.

"A sensação aqui, transmitida em privado, é a de que está a haver uma diplomacia paralela,

possivelmente encabeçada pelos ingleses, à qual não estará alheia a ida do Presidente da República aos EUA", disse-nos Tomás Vieira Mário.

Ele acrescentou que as especulações agora em Roma são as de que se está a trabalhar, em paralelo, para um encontro directo entre Chissano e Dhlakama, deixando Roma na condição de espectadora.

"De qualquer maneira, não ouvi aqui nenhum comentário realmente sério sobre a declaração de Dhlakama", disse o enviado da AIM ao "mediaFAX".

"GRUPO DE LIBERTAÇÃO DO POVO"

2-31/92 (Maputo) As coisas aconteceram assim, tal como o velho no-las contou, pedindo-nos que, por razões de segurança, o mantivéssemos no anonimato.

Sábado, 20 de Junho último, 10.30 da manhã. Maputo ficara para trás. A uns 12 kms da Namaacha, o velho, sozinho na cabine da sua carrinha, abranda de velocidade por causa dos buracos que daí para a frente são muitos. Passa por dois carros queimados à beira da estrada e recorda-se de tantos outros que tiveram o mesmo caminho do fogo naquela mesma estrada.

De repente, salta para o meio da estrada um homem vestido com um capote de mineiro com um boné militar, verde-escuro e de aba larga na cabeça. O homem faz-lhe sinal para entrar numa picada. "Nesse momento ele tinha a arma bem à vista. Só depois a meteu

debaixo do capote. Não era nenhuma das armas que estou habituado a ver nas mãos dos soldados do exército. Parecia uma pistola metralhadora, pequena e pintada a um tom escuro de verde. O corpo da arma parecia o amortecedor de um carro.

Já na picada, com a carrinha estacionada, o velho fica dentro da cabine, aguardando. O homem dirige-se até ele e, sem lhe apontar a arma, diz: «Queremos dinheiro». E acrescenta: «Temos muitos problemas para resolver».

"Pela maneira de actuar vi que a intenção não era fazer-me mal. Saí do carro e fiquei enconstado à porta. Af ele perguntou-me outra vez pelo dinheiro, e se eu tinha armas. Disse-lhe que não tinha armas mas tinha meio milhão de meticais. Abri o porta-luvas e tirei de lá

Para a elaboração de estudos e projetos contacta a

Av. 24 de Julho

MACOL

a sua consultora

C.P. 4150 * Maputo

Um maço de notas de 5000,00 MT. Ele pegou no maço, abriu-o sensivelmente ao meio e devolveu-me a metade. Quando cheguei à Namaacha e contei o dinheiro, vi que me tinha levado 275 mil meticais".

Entretanto, surgem mais três homens, também eles com o mesmo tipo de armas na mão, mas com a particularidade de dois deles vestirem "camuflados novos, ainda com goma, e de um verde berrante, diferente do camuflado do exército. As botas eram castanhas encarniçadas e tinham um pouco de cano".

Os três recém-chegados não falam; apenas o primeiro. É a ele que o velho pergunta: "Quem são vocês?". E o homem responde: "Somos um grupo de libertação do povo".

Segue-se uma conversa breve durante a qual o desconhecido diz ao velho que conhece a sua carrinha, que já o viu a distribuir comida e cigarros aos soldados na estrada, e inclusivamente diz conhecer um familiar dele na Namaacha.

"O tom era mais amigável. Insisti sobre quem eles eram e o homem deu-me a mesma resposta «grupo de libertação do povo» e voltou a dizer que tinham muitos problemas para resolver. E depois disse que «não vamos fazer mal ao senhor, nunca». Tudo durará menos de 15 minutos.

AJOELHADOS

Cada viagem de e para a Namaacha implica um gasto de centenas de contos, para este velho como para muitos dos cidadãos que têm de percorrer essa estrada. Segundo o nosso entrevistado, as coisas parecem ter piorado substancialmente nos últimos 4 anos no que toca às condições de vida dos militares das FAM. O habitual

é verem-se pequenos grupos de militares pedindo cigarros e comida. O velho fala, inclusivamente, de mendicidade entre oficiais que ficam meses sem receber os seus salários. Um dia, ele viu algo que o chocou mais do que muitas outras cenas desta natureza: a caminho da Namaacha, teve que parar bruscamente; no meio da estrada estavam dois militares das FAM, ajoelhados, com as mãos erguidas em posição de reza.; queriam a água que o velho trazia no jerrican para o radiador da carrinha.

Um capitão das FAM fala-nos no mesmo tom: "Na estrada há soldados a pedir comida. Porquê? Não são abastecidos. Passam mal com o frio. Chega a hora de comer, o que é que fazem? Pedem comida. Há pessoas que oferecem sempre alguma coisa. Mas se passam muitos dias sem comer, qual é o resultado? Os próprios militares, com os milícias, atacam as viaturas, sobretudo aquelas que trazem mercadoria".

E o ataque de quarta-feira à noite à zona A da Namaacha? Em contacto telefónico com um residente daquela vila fronteiriça, foi-nos dito que o ataque começou por volta das 10.30 da noite, e que, depois de um silêncio prolongado, houve novo ataque.

A nossa fonte afirmou que o ataque foi lançado a partir da parte baixa da vila, "lá para a direcção do clube", que nele foram utilizados morteiros e pouco fogo de metralhadora, e que os atacantes não entraram na vila. A situação na vila não é de pânico. Quantos mortos? "Uns dizem 3 outros falam em 10". Quanto a destruições, nada de vulto.

E quem lançou mais este ataque à Namaacha? A Renamo? Unidades a monte das FAM? Outros grupos? Ninguém sabe. Para muitos, a pergunta já nem é relevante.

(recolha de informação por Carlos Cardoso e Fernando Veloso)

AGUARDANDO RATIFICAÇÃO

3-31/92 (Maputo) Na sexta-feira última a direcção da CETA e o comité sindical mais a comissão "ad hoc" de trabalhadores que liderou a greve de 22 de Junho, chegaram "a muito custo" a um acordo sobre as reivindicações dos trabalhadores, segundo o secretário do comité sindical, Estevão Machavele.

Os trabalhadores reivindicavam, entre outras coisas, um aumento salarial de 50%. O acordo de sexta-feira estabelece um aumento salarial de 30%, a atribuição de 600 contos mensais a cada direcção regional para gastos dos trabalhadores

com falecimentos, a retomada da prática anterior de concessão de um subsídio alimentar mensal de 20 contos por trabalhador, ficando a empresa encarregue de pagar os impostos dos trabalhadores ao fisco.

Segundo o comité sindical, este acordo requer agora a ratificação por parte da Assembleia Geral dos Trabalhadores que ficou de se reunir hoje -- ver "mediaFAX" N^os 28 e 30/92 para mais detalhes.

(recolha de informação por Benedito Gomane)